



Prop. do
 CENTRO DE
 ACTIVIDADES
 CIRCUM
 ESCOLARES
 DO L. N. H.

ARAUTO

1970

Dezembro

ANO XIII

N.º 63

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: Dr. Tomaz da Rosa

Comp. e Imp. Tip. CORREIO DA HORTA

Redactores

C. Moniz, J. Ferreira, M. Froyão e L. Fraga

Chefe do Núcleo

COSTA RITA

Orientador

P.º JÚLIO DA ROSA

Administrador

JOÃO PIRES

P.º Nunes da Rosa

Ainda não encontramos quem penetrasse mais fundo na alma açoriana, mormente do característico picaroto, e a saboreasse tão deliciosamente em contos populares, como o Pe. Nunes da Rosa.

Alma irmã, em tudo igual à alma do nosso povo simples e lhano, modesto e perspicaz, o Pe. Nunes da Rosa soube explorar todos os veios da sua poesia, nos rumos da tradição, e desdo-

brar todas as alfaias da sua fidalguia, numa linguagem até hoje sem parelha.

Basta ler alguns períodos das suas obras, em parte inéditas pelo destino fatal, para logo nos sentirmos presos do seu estilo e do sabor rústico que lhes imprimiu.

Aqui trazemos, para os novos, um quadro do Natal — o conto «Vencidos»:

VENCIDOS

Quando a tia Rosa, toda trôpega e branquinha, de felripas cor de linho, veio a lavar a louça da ceia, a arrumar as coisas e a rezar o Terço diante do Menino Jesus. dos braços de Santo

BRAÇADEIRA NEGRA

Faleceu há dias na vizinha ilha do Pico, o Sr. Amaro Silva, pai do nosso colega Manuel Inácio Melo da Silva.

Pessoa muito conceituada o Sr. Amaro Silva recebeu o ano passado os redactores do «Arauto», cumulando-os de gentilezas.

Neste transe doloroso queremos estar com o Manuel Inácio, assim como estivemos nos bons momentos.

Aceite pois a expressão do nosso pesar e pena pelo passamento de ente tão querido.

António, em cuja mão estendida colocara uma camélia branca, era um tratão da noite.

Já o tio Luis começava a cabecear na sua velha cadeira, quando ela veio sentar-se na esteira, junto do leito, aconchegando o chaille num arrepio, e se pôs a falar de coisas do Natal, de quando eram novos, do tempo em que aquilo é que eram festas.

A noite ia fria e escura, cortada de rajadas de vento e de bátegas de água.

Na torre da igreja começaram os sinos a repicar.

— A primeira...

— A primeira...

E os dois ficaram silenciosos a escutar as vibrações dos sinos, numa vaga e doce absorção comovida.

— Quando eu era rapariga... — ocorreu à tia Rosa.

(Conclui na 2.ª página)

NATAL — Festa de Amor

Jovem amigo! Vamos separar-nos dentro de alguns dias. Mas a nossa separação será breve! Cada um vai passar no seio da sua família a época mais importante do ano: o Natal!

As crianças de narizito colado às montras ilumina-

das sonham-se protagonistas dum filme irreal rodado no ambiente fantástico de fadas e anões, bonecas e bibelots.

Além há aquela criança pobre, rota e suja que sonha também. Mas ela sabe

(Conclui na 3.ª página)

UM SORRISO

Para ti que sois jovem, não é difícil sorrir.

O sorriso é mais que uma convenção mundana, é um reflexo da alma, é um dom que é preciso conservar apesar das preocupações que ocupam o teu espírito.

Quando fores por uma rua, sorri. Sorri, para as crianças, para os velhos para as pessoas belas, para as dotadas de menos beleza e para as deformadas.

Dá-lhes o teu melhor sorriso.

Eles olham, ficam admirados, e passada a surpresa de um belo sorriso lhes ter sido dirigido, esboçam outro — de agradecimento, de simpatia.

A ti jovem, que estás na força da vida, para ti, que nada é difícil, tenta avaliar o quanto vale um sorriso dirigido a um velhinho, por exemplo. O teu sorriso é

(Conclui na 3.ª página)



O ARAUTO

deseja aos Ilustres Professores, a todos os colaboradores, estudan-

tes e amigos as Boas Festas do Natal e um Ano Novo com muitas prosperidades.

(Conclusão da 1.ª página)

— Estou a lembrar-me de que nesse tempo...

— continuou depois o tio Luis. E foram por ali adiante avivando circunstanciadamente a lembrança de velhas coisas passadas.

Novamente repicaram os sinos.

— A segunda...

— Vós sempre quereis ir? — perguntou a tia Rosa.

— Gostava de experimentar! — afirmou o velho.

E os dois principiaram a preparar-se, vestindo-se e calçando-se, cansados, a arfar, em oi ois doridos e prolongados.

— Estou pronta á conta de Deus! fez por fim a tia Rosa, lançando mão ao seu guarda-chuva azul, de barbas de baleia.

E o tio Luis, apoiando-se pesadamente na sua bengala de osso:

— Ora Deus vá conosco!

E encaminharam-se vagarosamente, trôpegos, arrastando os pés.

A tia Rosa abriu a porta da rua.

A noite estava escura como breu. Lá adiante viam-se as vidraças da igreja pàlidamente iluminadas e no céu raras estrelas luziam por entre a massa escura e informe das nuvens alagadas.

A tia Rosa arrepiou-se:

— Que frio!

— Está tudo alagado!

E ficaram os dois com as cabeças brancas na abertura da porta a olhar, embevecidos, para a Igreja iluminada lá adiante.

Principiava a cair uma chuviscada.

— Quem sabe se não vamos?

— É talvez o melhor...

E os dois velhinhos, tristes das saudades daquela noite e deprimidos da própria impotência física, voltaram silenciosos ao quarto, onde a tia Rosa deu mais força à lamparina, que ficara baixa.

O tio Luis sentou-se e desabafou num suspiro:

— Pois paciência, Senhor.

— Já lá vai a nossa idade — animou a tia Rosa, não podíamos ter forças sempre.

— Está bem bom... Deus assim o quer!

O tio Luis tinha os olhos marejados de lágrimas.

Os sinos repicaram pela terceira vez, num anseio vibrante.

A tia Rosa foi à janela, enxugando furtivamente uma lágrima.

Passavam magotes de pessoas, caminhando ruidosas e iluminando com lanternas de projecção oscilante o piso áspero e escuro do caminho lamacento.

A tia Rosa voltou enternecida:

— Ó servo de Deus, se quereis ir, olhai que vai passando gente com lanternas.

E o tio Luis, de juntas emperradas, erguendo-se com esforço:

— Ele era bem bom... Vamos a ver...

E os dois encaminharam-se novamente na direcção da porta.

Nos paúes do caminho cintilava o brilho das estrelas e a iluminação da igreja tinha agora um fulgôr intenso e vivo.

O grupo das lanternas ia já a desaparecer na volta do caminho quando os velhinhos saíram para o balcão:

— Acautelai-vos, que as pedras estão escorregadias!

— Acautelai-vos a vós, retrucou o tio Luis, tateando com a bengala nas lajes escuras, e deixai-me...

E detiveram-se, indecisos.

— Não passar outra luz?! ... lamentou a tia Rosa.

— É verdade, não passar! ... abundou o marido.

E ficaram um momento silenciosos.

— A igreja está linda! fez a velhinha, suspirando.

— E aquilo está cheia de povo! confirmou o tio Luis com voz trémula.

Nova pausa em que as

(Conclui na 3.ª página)

2) Os "Lemmings"



Quando se aproximam os frios rigorosos do Inverno, os «Lemmings» — mamíferos roedores da família das ratazanas — abandonam em massa, a elevada cadeia de montanhas da Noruega, onde habitam, com o fim de fazerem uma grande viagem na direcção precisa do mar. Um grupo enorme daqueles mamíferos corre, então, em linha recta através dos diferentes obstáculos, sem consentirem nunca que qualquer deles, por maior que seja, os obrigue a mudar de rumo. Caminhando sempre em filas indianas, exactamente uns atrás dos outros, abrem nos terrenos profundos sulcos rectilíneos, quase rigorosamente paralelos entre si!

Devoram tudo o que encontram no caminho, desde as folhas mais tenras que se erguem no espaço, até à raiz mais dura que se oculta na terra. Nada existe que os possa deter na sua marcha. Apesar das aves de rapina comerem «Lemmings» às dezenas, eles continuam sempre e — coisa curiosa — nem sequer perdem tempo a fugir às feras do espaço. Se algum animal de maiores dimensões aparece no seu caminho, eles passam-lhes por entre as pernas ou as patas e continuam a sua corrida vertiginosa, sem se desviarem um único centímetro da misteriosa recta que previamente traçaram!

Quando encontram um obstáculo intransponível, a não ser que seja de ferro ou de granito, perfuram-no com os dentes e passam pelo buraco, sem jamais mudarem de rumo. Se o obstáculo é imperfurável e não podem passar por cima dele, contornam-no em rigoroso semi-círculo, de modo a prolongarem do lado oposto a recta que iniciaram!

Esbarrando com um rio atiram-se logo à água, mesmo que seja na parte mais larga e a um metro à esquerda ou à direita existam para o atravessar, facilidades enormes. Se no meio do rio aparece um barco ou qualquer objecto flutuante que lhes impeça o caminho, sobem para ele e atiram-se à água do lado oposto, sem se desviarem da recta que os conduzirá ao seu destino.

Ora esta é mais uma prova evidente de que existe «algo» nestes animais — também existe no homem mas em pequena proporção — que os orienta e que é nem mais nem menos que uma radiogoniometria animal, como se demonstra facilmente por exclusão de partes.

Será possível que todo este imperativo gigantesco deva a sua maravilhosa origem às complexidades incompreensíveis do olfacto ou à agudeza inadmissível da visão?

Não é crível. A visão, que tem um horizonte reduzidíssimo nos «Lemmings» não pode representar na explicação científica do facto o mais insignificante papel. Quanto ao olfacto, nem vale a pena determiná-lo no estudo do assunto por este lado da questão. Se os ruidos não tivessem inimigos poderosos no constante estremecimento da terra e no agitar quase permanente das águas do mar, quase que seria de admitir que a explicação do fenómeno estivesse nas ondas acústicas. Infelizmente, porém, nada há que as justifique. De resto, onde localizariamos a sua causa?

Luís Fraga

7.º F

Contraste

A sala está atulhada de gente
que dança, que pula, que canta, que bebe.

A orquestra toca ritmos modernos, ritmo Yé-Yé.
E a malta dança, pula e canta.

Do meio da sala; do meio da gente
que dança, que pula, que canta, que bebe
alguém grita: «Abre a roda!»
E a malta dá as mãos; abre a roda.

A orquestra toca agora uma marcha brasileira:

(Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
P'ra ver a banda passar
Cantando coisas de amor)

Vamos à praia!
Senhoras ao centro!
Toda a gente dança
Toda a gente canta

Os adultos, muitas vezes,
preferem ficar sentados a beber
criticando a juventude:

— «O aspecto sebento» dos cabelos, compridos e
das barbas;
as músicas «barulhentas»; as danças «estúpidas».
E as maneiras «indecentes», dos namorados.
Também falam de negócios e de escândalos...

E a juventude:
Ao contrário!
Só num pé!
Há sorrisos nos lábios.
Há alegria nos olhos.

Mas lá ao fundo, num canto da sala,
há uns olhos que não se divertem;
uns olhos grandes, profundos, sensíveis.
Estão fixos numa das paredes da sala
eles vêm, através das paredes,
uma, duas, muitas crianças descalças
na noite fria e chuvosa de Inverno,
semi-cobertas de roupa molhada,
enfiando os pés magoados nos charcos da rua.

E as crianças descalças vêm tudo negro à sua volta.

Ao contrário da gente
que dança, que pula, que canta, que bebe.

Para esses tudo brilha.
Para esses tudo sorri.
Para esses tudo são rosas.

M. F.

NATAL — FESTA DO AMOR

(Conclusão da 1.ª página)

que o seu sonho nunca
poderá ser realidade. A noite
de Natal para ela é
igual às outras. Ela não terá
uma prenda nem um carinho
diferente...

O Natal é a festa do
Amor! Vamos despir-nos
do nosso egoísmo e pensar
um pouco nos outros! Mas
não naqueles que têm tanto
como nós, que são felizes e
têm tudo. Vamos dar, sim,
aos que vivem, talvez
desesperados, só porque a
vida foi pouco benevolente
para eles.

Neste Natal há alguém
que espera por (ti) nós! É a
criança rota e suja, de olhar
inocente, que não tem lar?
Ou é antes, o po-

Vencidos...

(Conclusão da 2.ª página)

almas dos dois voaram ao
interior do templo, aos pés
do altar, a junto do menino
Jesus...

— Já não passa ninguém!...
— É que é tarde... talvez...

— Então, Nosso Senhor
há-de perdoar-nos; não vamos!

— É o melhor, filha,
Nosso Senhor bem vê...

E neste diálogo ia todo o
travôr das suas almas escuras...

Mas nisto, do alto da
torre os sinos lançaram uma
explosão de sons festivos
alegres, cantantes, que revoavam
nos ares e se repercutiam
comovidamente nas encostas.

Era no momento em que
no templo iluminado e doce
o sacerdote entoava o
Glória in excelsis Deo...

Os dois velhinhos abalados,
trémulos e sorvendo lágrimas,
ajoelharam instintivamente
nas pedras alagadas do
balcão, diante da grandeza
do quadro daquela Noite
Santa, sob a abóbada escura
do céu, à luz das estrelas,
com as mãos vacilantes
erguidas para a Cruz!

Foi a sua derradeira Noite
de Natal.

bre que está naquela esquina?
Não importa quem seja. É ele...
o nosso irmão! Vamos junto
dele dar-lhe, que mais não
seja, um sorriso. Ele pode,
ser uma magnífica prenda
de Natal!

E ao encontrarmo-nos
no final destas férias virás
com um sorriso novo e
confiante. E não esqueças
que serás recompensado
pois «é no dar que se recebe!»

Gabriela

1.º Ano Mag.

A Serenata ao Luar

Acordes longínquos

Um suspiro...

Um tânger

Mui levemente

Uma esteira de luz:

O luar!

Beija-lhe

O rosto belo

Os Cabelos

Batidos pela brisa

Ondulam rebeldes

Livres como a alma

Um tânger

Mui levemente

A Serenata ao Luar!

Canta o poeta

Os céus e terra escutam:

A serenata ao Luar!

UM SORRISO

(Conclusão da 1.ª página)

para ele a recordação da
sua Juventude, do tempo
em que era também jovem
e sorria... Esse sorriso
contribuiu para o aparecimento
de uma simpatia pela
Juventude actual e por
tudo o que lhe diz respeito.

Depois de um sorriso e
um olhar agradecido, te
ter sido dirigido, verás o
sentimento que experimentas!
É um sentimento extraordinário,
afirmo-te eu, que já o
experimentei.

É qualquer coisa de dever
cumprido, esse bem estar
que nos envolve a alma.

Por isso, jovem — se
és em toda a acepção da
palavra — não desperdices
o teu sorriso em coisas
vãs e maliciosas, dá-o
antes a essa multidão
de gente sequiosa dele.

Ivone 6.º g

Cine - Académico

Apresenta esta temporada
o filme:

O João da Arte

inteiramente rodado
na nossa cidade

É uma história de crianças e para crianças,
a que os mais velhos poderão assistir (que
mais não seja senão para recordar)

Os actores são:

Ele - João Dart

Ela - ...?! (adivinhem)

Colaboração recebida
de Estabelecimentos
do Ensino Particular

São assim os Estudantes...

Concurso

Está aberto na nossa redacção um concurso de calças (compridas). Só interessa para este fim a largura das mesmas.

É só para meninas e, até agora a vencedora é a CHIQUINHA com a bonita largura de 3m e 25cm.

O Fraga, nosso colega de redacção queixou-se-nos que está a ser assediado pela Gabriela do 1.º ano do magistério e pediu-nos que soubéssemos as causas do seu (dela) procedimento.

Ora, meu amigo, isso são problemas que só a ti te interessam, mas aconselhamos-te a falar com um certo individuo que segundo nos contaram ela conheceu nas Flores e que deve estar muito mais práctico do que tu, ou não pertencessemos a nós um país de marinheiros e navegadores.

Perguntas indiscretas

— Quem é o «Bimbelos» do 7.º de letras? (se não sabem perguntem ao Dawling).

S. S. A.

Serviços Secretos do ARAUTO

No próximo número daremos uma reportagem pormenorizada do idílio, francamente prometedora da nossa colega Madalena Brum.

— Quem é o «Javardo» que anda atrás da chineziinha (americana) de Castello Branco?

— Quem é a septanista que ficou toda satisfeita com a surpresa da chegada do noivo?

— Quem é o «malhado» do 1.º ano do Magistério? Não é esse. É o «DOCA-SECA».

— Quem é o sextanista, alto, das Lages, que parece estar interessado na futura esposa dum «professor»?

Na nossa redacção abrimos também um concurso para uma piada ao nosso colega Frayão.

O prémio será um «ARAUTO» grátis.

Concorram que esta está na quarta página mas é a sério.

BIG ODES

Já devem ter visto que os redactores do ARAUTO estão a deixar crescer bigode. (Para quem não viu temos lupas à disposição).

É de louvar esta alteração nos rígidos códigos que nos regem.

E de todas essas manifestações peludas queremos salientar a do João Pires, homem compridor dos seus deveres. A barba era pouca. Não importa. Ele segue o que lhe mandam.

(Não o mandem deitar ao mar, por favor).

No Bingo do 7.º ano o que mais gostámos de ver foram os reis. Era um casal ou melhor dois meios casais), deveras interessante.

Ao José Diogo não faltava nada (nem sequer a perna).

À Orlanda faltava e muito. Faltava-lhe o essencial, OS ÓCULOS AZUIS. É pena.